

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

Muito além da expansão do Cânone: A Hermenêutica de Roberto Cardoso de Oliveira e a Metodologia de Joseph-Anténor Firmin unidas para a transformação do cânone
Kaléo de Oliveira Tomaz

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6916>

Submetido em: 2023-09-18

Postado em: 2023-09-22 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

MUITO ALÉM DA EXPANSÃO DO CÂNONE: A HERMENÊUTICA DE ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA E A METODOLOGIA DE JOSEPH-ANTÉNOR FIRMIN UNIDAS PARA A TRANSFORMAÇÃO DO CÂNONE.

AUTOR: Kaléo de Oliveira Tomaz

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6102-6296>

[<kaleo.o.tomaz@gmail.com>](mailto:kaleo.o.tomaz@gmail.com)

Universidade Estadual de Campinas, PPGAS-UNICAMP, Campinas, SP, Brasil

RESUMO: Como é formado o cânone de uma disciplina em Ciências Sociais? O presente artigo tem como tema observar como se constrói o cânone de uma disciplina e como ele pode ser modificado. Busca-se observar através do olhar de dois antropólogos, Roberto Cardoso de Oliveira e Joseph-Anténor Firmin, maneiras de se propor a transformação do pensamento de uma disciplina. Roberto Cardoso de Oliveira foi um importante antropólogo brasileiro do final do século passado. Este foi responsável por, no final de sua vida, propor um estudo sobre a história da conformação da antropologia. Já Joseph-Anténor Firmin foi um importante antropólogo haitiano do final do século XIX. Este foi responsável por questionar pensadores importantes de sua época. Entretanto, foi esquecido pela historiografia da antropologia internacional até um passado recente. Busca-se aproximar o pensamento de ambos os autores no intuito de entender maneiras de transformar a história das Ciências Sociais em toda a América Latina.

Palavras-chave: história da antropologia, hermenêutica, método, historiografia, Joseph-Anténor Firmin.

FAR BEYOND CANON EXPANSION: ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA'S HERMENEUTICS AND JOSEPH-ANTÉNOR FIRMIN'S METHODOLOGY UNITED FOR CANON TRANSFORMATION.

ABSTRACT: How is the canon of a discipline in Social Sciences formed? This article delves into the process of how the canon is formed and how it can be changed. It seeks to explore, through the perspectives of two anthropologists, Roberto Cardoso de Oliveira and Joseph-Anténor Firmin, ways to propose the transformation of a discipline's thinking. Roberto Cardoso de Oliveira was an important Brazilian anthropologist during the latter part of the twentieth century. He was responsible, toward the end of his life, for proposing a study on the history of the formation of anthropology. Joseph-Anténor Firmin, on the other hand, was a significant Haitian anthropologist from the late nineteenth century. He challenged influential thinkers of his time but was forgotten by the global anthropology historiography until recently. The goal is to bring together the thinking of both authors to understand ways to transform the history of Social Sciences throughout Latin America.

Keywords: history of anthropology, hermeneutics, method, historiography, Joseph-Anténor Firmin.

INTRODUÇÃO

O que conforma um clássico da disciplina antropológica? Ou melhor dizendo, quais são os critérios para considerar que um autor pertence ou não pertence ao cânone da disciplina? Perguntas como essas são fundamentais para discutir não apenas o percurso histórico da antropologia, mas para se compreender um pouco mais sobre os fundamentos lógicos, linguísticos e hermenêuticos da disciplina. A ampliação do cânone não é apenas uma necessidade política, ao contrário, é também uma necessidade lógica, à medida que novas tradições de pensamento começam a dividir espaço dentro da disciplina. Entretanto, essas linhas de pensamento não surgiram no vácuo, mas pertencem a uma sucessão de autores. Infelizmente alguns deles que foram sistematicamente silenciados pela disciplina.

Neste sentido o presente trabalho busca focar seus esforços na trajetória de vida e trajetória epistêmica do antropólogo haitiano Joseph-Anténor Firmin (1850-1911). Este autor, que teve a maior parte de sua vida na segunda metade do século XIX, é estudado na atualidade como um pioneiro de ideias que só viriam a ser *mainstream* da antropologia no final do século XX. Porém, em decorrência do racismo e do colonialismo ele teria sido silenciado. No presente trabalho, busco refletir como de fato ele desafia profundamente as noções históricas vigentes na atualidade quanto ao processo de transformação histórico das ideias. Entretanto, busco dar um passo a diante para mostrar como Anténor Firmin ainda é importante na atualidade à medida que sua forma de entender o positivismo pode ser vista como uma maneira de se transformar o cânone da disciplina. Para tanto busco combinar a perspectiva sobre o método apresentado pelo antropólogo haitiano com a perspectiva hermenêutica desenvolvida por Roberto Cardoso de Oliveira (1928-2006), principalmente no que concerne ao papel da compreensão na construção do pensamento da disciplina.

Na busca de cumprir esses objetivos o presente trabalho se dividirá em quatro grandes momentos. O primeiro trata-se de uma observação que busca discutir o que seria propriamente um método. Nesta seção busca-se expandir o significado de método, através de um olhar atendo para a importância histórica da tradição nos processos de construção da história e na perspectiva de pesquisa dos autores. Na segunda parte se buscará, através da perspectiva de Roberto Cardoso de Oliveira, compreender de que maneira se constitui o cânone da antropologia. Já em um terceiro momento voltaremos nossos olhos para compreender as razões que levam a uma necessidade de expandir o cânone da antropologia, e qual seria a melhor maneira de se fazer isso. Por fim, se buscará analisar a vida de Joseph-Anténor Firmin através dessa nova perspectiva, buscando compreender suas perspectivas permitem um novo olhar para a ciência no presente.

1) UM DISCURSO SOBRE O MÉTODO

Antes de adentrarmos a discussão sobre como Firmin e Roberto Cardoso de Oliveira podem contribuir para uma discussão sobre a expansão do Cânone, existe uma questão importante a ser observada: o que é método? Essa discussão é importante porque a defesa de um método, a saber, o positivista, é uma das principais bases do pensamento do antropólogo haitiano. Já quando se trata da perspectiva teórica do antropólogo brasileiro a importância do Método também aparece, mas ela aparece relacionada com a ideia de compreensão, sendo um complemento dentro do processo de pesquisa. Ademais, essa questão também adquire importância quando se questiona sobre porque dentro de um *paper* acadêmico espera-se conter um espaço apenas para discutir a metodologia de pesquisa utilizada.

Não é com o filósofo René Descartes (1596-1650) que o conceito de método se originou. Porém, com certeza, ele é um dos filósofos que mais deram proeminência ao conceito quando o coloca como uma das bases de toda a sua filosofia. Dessa forma, compreender as razões de Descartes para se fiar ao método, deve apontar algo sobre o lugar desse conceito dentro da própria Filosofia da Ciência. É no livro “Discurso do método” (DESCARTES, 2018) que o autor melhor desenvolve o conceito, sendo que ele aparece como motor principal das suas divagações filosóficas. Em seu discurso, é notável que o autor se aproxima da defesa de um método devido à fuga da incerteza conduzida por diversidade de opiniões. Em contraposição a esse desconforto encontrado em relação à filosofia, afirmou-se uma verdadeira exaltação da Matemática, que o agradava “devido à certeza e evidência das suas razões”, tendo verdadeiros fundamentos “firmes e sólidos” (DESCARTES, 2018, p. 13). Geralmente é a esta ideia de firmeza e solidez que o método é apresentado.

Proponho que por alguns momentos discutamos sobre o que se espera que seja relatado em uma etapa cujo título é “metodologia”. Geralmente neste ponto um pesquisador deveria descrever algo sobre as razões que utilizou para escolher determinados textos e os motivos pelos quais escolheu determinados campos de pesquisa. Ademais, se espera que o pesquisador, sobretudo se tratando de um projeto de Antropologia, fale sobre “etnografia”, o seu “método” principal de trabalho, tal como reconhecido pela disciplina. O que também merece alguma reflexão. Mariza Peirano, em seu texto “Etnografia não é método”, afirma que sempre alerta para seus alunos – acabando por fazer também a seus leitores – que desconfiem da afirmação de que um trabalho utilizou o “método etnográfico”, visto que essa afirmação só é válida para “os não iniciados” (PEIRANO, 2014, p. 383). Para a autora, a etnografia não pode ser método, visto que exige um esforço reflexivo constante para sua elaboração, ou seja, exige que o pesquisador esteja sempre se questionando sobre os conceitos e sobre as relações em que desenvolve seu trabalho. Porém, o que

seria esse “método” que a autora diz que a etnografia não seria? Não acredito que seja possível dar uma resposta taxativa a essa questão, de forma a contemplar todas as dimensões da ideia de método. Entretanto o que esse conceito parece embarcar é que quando em um *paper* se espera uma área dedicada a “metodologia”, o que realmente se quer encontrar é se a pesquisa seguiu determinados padrões considerados acadêmicos, caminhos cientificamente válidos. Existe um entendimento, quase que explícito, de que algo só pode ser científico se for, ao menos em parte, metodológico.

É notável que dentro do estudo de Antenor Firmin é sempre dado um longo espaço para a discussão da oposição que este autor faz com os pensamentos racistas científicos de sua época. Neste momento, o que quero observar é que para sustentar sua oposição ele se filia com positivismo de Auguste Comte, principalmente em sua metodologia. Isso fica claro primeiramente no próprio nome de sua obra que deixa marcado a apresentação de uma “antropologia positiva”. Entretanto, em sua obra isso fica mais evidente quando nos informa que:

Tout ce qu'on pourra y trouver de bon, il faut l'attribuer à l'excellence de la methode positive que j'ai essayé d'appliquer à l'anthropologie, en étayant toutes mes inductions' sur des principes déjà reconnus par les sciences définitivement constituées. Ainsi faite, l'étude des questions anthropologiques prend un caractere dont la valeur est incontestable¹. (FIRMIN, 1885, p. IX)

Entretanto, seu uso da metodologia positivista apresenta uma perspectiva muito própria. Bruna Ribeiro Troitinho aponta que para o antropólogo haitiano o positivismo não é somente uma metodologia, mas também é um modo filosófico de se observar a realidade, seja ela em seus âmbitos naturais, físicos ou sociais. Desta maneira ele acusa aqueles que insistiam na desigualdade das raças como sendo tanto antifilosóficos quanto anticientíficos (RIBEIRO TROITINHO, 2021). Este apontamento apresenta como para Antenor Firmin não existe uma diferença, ou ao menos uma descontinuidade entre os aspectos filosóficos e os científicos dentro de um estudo sobre as relações e agrupamentos humanos. Esta perspectiva nos permite reposicionar a função e o lugar do método para além de seu escopo da produção de conhecimento científico, mas também para a filosofia da compreensão.

Roberto Cardoso de Oliveira, em um de seus livros, ao estudar como o pensamento durkheimiano importou o método das Ciências Naturais para dentro da Sociologia, demonstrou que não é necessário abandonar o método nas pesquisas de Ciências Humanas. É necessário tão

¹ Tradução livre: Tudo aquilo que nele se pode encontrar de bom, deve-se atribuir à excelência do método positivo que tentei aplicar à antropologia, fundamentando todas as minhas deduções em princípios já reconhecidos pelas ciências definitivamente estabelecidas. Dessa forma, o estudo das questões antropológicas adquire um caráter cujo valor é incontestável.

somente reconhecer que sua utilidade está restrita a uma busca de certezas que, nem sempre, são verificáveis nas Ciências Humanas. Dessa forma, exige-se algo além do método e que o possa substituir nos pontos mais incertos da pesquisa (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 80–83). O antropólogo brasileiro lança mão do pensamento filosófico de Paul Ricœur (1913-2005), principalmente no texto *Expliquer et comprendre* (RICŒUR, 1977), o que permite que o antropólogo trabalhe com três conceitos distintos, que seriam a “interpretação”, a “explicação” e a “compreensão”. O conceito de interpretação funciona no mesmo sentido de entender², ou, ao menos, designa as maneiras por meio das quais um indivíduo pode captar a realidade. Essa captação pode se dar de duas maneiras: a interpretação-explicativa ou a interpretação-compreensiva. A explicação seria “lato sensu, o estabelecimento de conexões causais e funcionais capazes de serem traduzidas em proposições” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 81). Ou seja, explicar seria a busca por encontrar regras e proposições para entender um dado objeto e a interpretação-explicativa seria o processo pelo qual o ser cognoscente capta a realidade por meio dessas regras e explicações. Por outro lado, a compreensão já designa um processo mais ambíguo e discursivo. Cardoso de Oliveira descreve muito bem seu significado quando afirma que:

Mas que reconhecimento é este? E precisamente aquele feito por Heidegger sobre o caráter pré-estruturado do conhecimento. Essa pré-estruturação do conhecimento significa o envolvimento do sujeito cognoscente e do objeto cognoscível no contexto do "mundo da vida" – *Lebenswelt* - ou, em outras palavras, significa que mais do que conhecermos, nós reconhecemos, ou, ainda, só conhecemos aquilo que nós estamos (pré)parados para conhecer. Em termos antropológicos diríamos que, no processo de endoculturação pessoal ou grupal, recebemos um quadro de categorias culturais condicionadoras de nossas possibilidades de conhecimento. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 84)

E que:

O homem de ciência, tal como o homem comum, tem de conviver com a realidade da compreensão intersubjetiva; ou, em outras palavras, tanto o cientista como o leigo encontram-se presos às suas determinações (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 86).

² No francês, a palavra *comprendre* é traduzida frequentemente para os verbos “entender” e compreender, no português. Entretanto, Cardoso de Oliveira e as traduções do alemão de Gadamer utilizam o termo “compreender” em um sentido bem distinto. Dessa forma, neste texto buscou aproximar o conceito de “interpretar” ao termo de “entender”, conservando, assim, o significado mais específico do “compreender”. Da mesma forma, essa escolha permitiu também desvincular o termo “interpretação” deste jogo linguístico, permitindo que ele designe os processos de explicação e compreensão, como utilizado por Paul Ricœur em seu texto. Isso o aproxima do uso corrente de “entender”, ao mesmo tempo que permite que este último termo seja usado genericamente, enquanto o outro seja usado em momentos mais específicos.

A compreensão seria fruto de uma “domesticação do olhar” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 19), que ocorre pelo processo de endoculturação que o pesquisador faz durante o início de seus estudos. Cardoso de Oliveira, ao invocar essa ideia para a discussão, busca mostrar que ela se dá em um diálogo estabelecido entre a “domesticação teórica” do pesquisador com o objeto de estudo, permitindo que seja “previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 19). É a esse estudo da compreensão que Cardoso de Oliveira chama de hermenêutica.

Nota-se, portanto, que se observarmos a visão de Roberto Cardoso de Oliveira podemos entender de forma mais clara a importância da aproximação de Joseph-Anténor Firmin com o positivismo em sua época. Em suma, o uso do positivismo é visto aqui como um reforço do caráter verdadeiramente científico de seus estudos, assim como por ser uma forma mais correta de se observar a natureza dos fenômenos. Se hoje o positivismo é apresentado como uma forma conservadora de se observar as relações humanas, o antropólogo haitiano apresenta que essa tradição também tinha uma importância revolucionária para seu período histórico. Neste sentido, Antenor Firmin quando se filia ao positivismo também está se firmando a uma comunidade de pensamento. Esta, posteriormente, é sobre a qual a antropologia francesa será constituída, principalmente através de Emile Durkheim, questão que será importante futuramente. Ademais, se considerarmos que todo processo de constituição de uma tradição ocorre na história, veremos que o estudo das narrativas históricas tem um potencial transformativo das tradições. Neste ponto podemos entender que se o método está intimamente ligado com o processo compreensivo decorrente da tradição, ele próprio é modificado pelo estudo historiográfico. Deste ponto decorre que a expansão do cânone é fundamental, se quisermos produzir um método verdadeiramente eficiente.

2) UMA RÁPIDA RECAPITULAÇÃO DO CÂNONE DA ANTROPOLOGIA

Antes de avançar na discussão sobre o processo de expansão do cânone da antropologia, é importante compreender de que forma esse cânone está conformado na atualidade. Neste sentido, o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira apresenta uma sistematização que facilita esse processo de entendimento. Vale apresentar que essa sistematização abstrai o sentido temporal de emergência dos pensadores canônicos. Entretanto ela permite entender como o aparecimento dessas tradições conformam até o presente a maneira como a antropologia é produzida. Isso é feito através da construção de uma “Matriz disciplinar” que divide aquilo que ele denomina como sendo os quatro “Paradigmas” da antropologia.

É importante observar primeiramente que no que tange ao conceito de paradigma o antropólogo brasileiro faz questão de especificar que utiliza esse conceito de forma diferente da utilizada por Thomas Kuhn (1922-1996). Isto porque para a perspectiva Kuhniana mais de um paradigma não poderiam coexistir ao mesmo tempo. Por outro lado, para o antropólogo isso não só poderia acontecer quanto era propriamente o que daria origem a uma matriz disciplinar. Neste sentido paradigma³ estaria relacionado a forma como um certo grupo dentro da comunidade antropológica pensa, utiliza e relaciona determinados grupos de categorias analíticas. Neste sentido, para Thomas Kuhn nas ciências naturais os diferentes paradigmas se excluem no tempo. Desta maneira o paradigma Newtoniano é sucedido pelo paradigma da relatividade. Já para Cardoso de Oliveira, nas ciências humanas o paradigma estrutural-funcionalista não desapareceu com a emergência do paradigma culturalista. Ao contrário todos eles formam em conjunto uma matriz disciplinar que unifica, compatibiliza e mobiliza estas diferentes categorias. Vale apontar que isso não ocorre sem a emergência de uma espécie de “tensão” interna a própria disciplina (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, cap. 1, pg. 15-16). Esta “tensão” não é suficientemente forte a fim de romper com a matriz por completo. Isto em decorrência das manutenções de uma linguagem compartilhada pela comunidade antropológica como um todo.

A matriz antropológica desenvolvida por Cardoso de Oliveira é constituída por dois grandes eixos. O primeiro decorre de como os paradigmas apresentados observam a presença do tempo e da história durante as suas pesquisas. Assim ele divide o primeiro eixo em Diacrônico e Sincrônico. Já o segundo eixo tratasse de a qual tradição cada um dos paradigmas está relacionado. Assim Cardoso de Oliveira divide a tradição em dois conjuntos: o Intelectualista e o Empirista. Neste ponto existe um desenvolvimento de uma Matriz geométrica que sistematiza, explica e simboliza a própria matriz disciplinar (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, p. 16).

Figura 1 Matriz disciplinar da Antropologia

Tradição Tempo	Intelectualista	Empirista
Sincronia	Paradigma Racionalista	Paradigma Estrutural-funcionalista
Diacronia	Paradigma Hermenêutico	Paradigma culturalista

(CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, pp. 16-17).

³ Vale apontar que existe uma diferença entre o conceito de paradigma e de tradição e que precisa ser observado. Isso porque uma mesma tradição pode dar origem a mais de um paradigma antropológico, a depender da maneira como determinados conceitos são mobilizados no interior desses grupos e comunidades.

Como se observa no quadro acima, os paradigmas que conformariam antropologia atual seriam: (I) Paradigma racionalista; (II) Paradigma funcional-estruturalista; (III) Paradigma-culturalista; (VI) Paradigma Hermenêutico. Cardoso de Oliveira desenvolve esse quadro através de um mapeamento de categorias teóricas comuns a cada um desses grupos e a maneira como são utilizados a fim de justificar suas próprias pesquisas e teorias. Para demonstrar como isso é feito o próprio Cardoso de Oliveira apresenta como a categoria “categorias” foi utilizada pelo paradigma Racionalista como objeto de suas pesquisas, justificando assim a antropologia como uma ciência (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, cap. 2). O autor também apresenta como a categoria “causalidade” é central para o paradigma funcional-estruturalista para fundamentar seu estudo sobre a existência, criação e consolidação das culturas (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, cap. 3). Outro grupo de categorias que ele também apresenta são: “desordem”, “subjetividade”, “individualidade” e “história”. Estes seriam mobilizados principalmente pelo paradigma Hermenêutico para pensar questões sobre a mudança das culturas e as diferentes implicações dos antropólogos em suas próprias pesquisas (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, cap. 4).

Neste sentido é importante reforçar a contribuição da perspectiva do Roberto Cardoso de Oliveira sobre o lugar da compreensão dentro do estudo antropológico, assim como o lugar da tradição e da linguagem para a constituição do pensamento antropológico sobre a sua própria história. Importante destacar que o antropólogo brasileiro não apresenta uma análise própria do paradigma Culturalista. Ademais, se observarmos no presente podemos facilmente sentir falta de outras formas de se pensar a antropologia que não estão dentro do esquema desenvolvido por Cardoso de Oliveira. Alguns exemplos são o Marxismo, o Feminismo e a Decolonialidade. Neste ponto se nota que mesmo o autor observado ainda manteve certos silenciamentos históricos sobre uma série de agentes. Estes teriam uma força capaz de transformar seu esquema conceitual, visto que ao ouvirmos a voz desses diferentes atores, poderíamos observar novos discursos, conceitos e categorias que foram inviabilizados. Pensando nesta questão é que emerge a necessidade de uma expansão do cânone antropológico.

3) SOBRE A EXPANSÃO DO CÂNONE

Um dos marcos da discussão sobre a historiografia da antropologia é a perspectiva desenvolvida pelo antropólogo estadunidense George W. Stocking Jr (1928-2013). Em seu texto “On the limits of ‘Presentism’ and ‘Historicism’ in the historiography of the behavioral sciences” (1965), é possível observar uma discussão das maneiras pelas quais é feita a investigação histórica. Para tanto, Stocking inicia sua discussão pelo estabelecimento de algumas dicotomias que, para o autor, mesmo sendo um procedimento simplificador, ainda assim poderia ser útil, para dividir as pesquisas historiográficas em dois tipos (STOCKING JR., 1965, p. 211). Estas dicotomias desenvolvidas pelo autor acabam resultando em uma espécie de dualismo pautado no presentismo e no historicismo. Esta divisão é muitas vezes mobilizada no âmbito dos estudos sobre a história

da disciplina com o objetivo de diferenciar formas de se compreender o passado. Poder-se-ia dizer que para Stocking Jr o presentismo seria o estudo e a apresentação do passado através das ideias e categorias que se formaram e que são consideradas importantes no presente. Já o historicismo seria o oposto e representaria o estudo do passado fazendo uso e partindo da busca das ideias que eram consideradas importantes no período estudado (STOCKING JR., 1965, p. 211–214). Em outros termos, se poderia dizer que enquanto uma abordagem presentista tem como objetivo revisitar o passado para compreendê-lo através das preocupações do presente, o historicismo estaria voltado ao estudo do passado através de seu próprio contexto.

É importante notar que a distinção feita por Stocking Jr não implica necessariamente na maior veracidade ou utilidade das pesquisas que fizessem parte de qualquer um dos grupos definidos em sua proposta de estudos. Apenas aponta para uma diferença de métodos e objetivos nestas pesquisas. Neste sentido, ela muito se diferencia da dicotomia que o antropólogo Michel-Rolph Trouillot (1949-2012) questiona entre os “positivistas”⁴, que fazem uma distinção entre a história e as narrativas contadas sobre ela, e os “construtivistas”, para os quais toda construção histórica é uma narrativa. Nesta segunda dicotomia, a distinção estaria calcada na veracidade que é posta sobre o conhecimento histórico. Para o positivista, a história existe como algo real e é papel do historiador descobri-la. Já para o construtivista, toda forma de pesquisa histórica é uma narrativa entre outras ficções, se diferenciando apenas por pretender ser verdadeira. Assim, Trouillot aponta que ambas as tendências são insuficientes para compreender a produção da história. Os positivistas⁵ desconsideram as forças de poder e dominação que influenciam a construção das narrativas históricas, já os construtivistas acabam tomando todas as narrativas como equivalentes em seus contextos, mesmo que algumas tenham força de comprovação muito maiores que outras (TROUILLOT, 2016, p. 19–26). Porém, por que determinadas narrativas gozam de maior credibilidade?

Para Trouillot, todos os grupos têm preocupação com estabelecer critérios de veracidade. Inclusive determinadas narrativas podem ser colocadas sobre análise, a partir do momento em que se estabelece uma controvérsia em decorrência de novas necessidades que se imponham sobre a coletividade. Porém, os critérios que estabelecem estas verdades dependem de disputas que

⁴ Vale apontar que embora Michel-Rolph Trouillot critique o positivismo e que Joseph-Anténor Firmin seja abertamente um adepto do positivismo, isso não significa que suas perspectivas não sejam complementares. Em sentido oposto, ambos estão unidos no esforço de demonstrar os resultados perversos do racismo e do processo colonial.

⁵ o positivismo, durante seu percurso histórico, trouxe resultados muito distintos e conservadores, se observado o caráter revolucionário de seu início. Ademais, essa tradição se desenvolveu principalmente com as contribuições de Émile Durkheim, um homem branco, sendo que Joseph-Anténor Firmin foi silenciado na construção do cânone. É possível se questionar quais teriam sido os desdobramentos dessa tradição se o contrário tivesse ocorrido.

ocorrem entre os sujeitos destas sociedades (TROUILLOT, 2016, p. 29–39). Trouillot considera que a memória e as lembranças individuais são construídas a partir de sua relação com o presente. Se isso for verdade com as recordações individuais, quanto mais seria com relação ao fenômeno do passado coletivamente construído, na qual os participantes deste processo não estariam sequer vivos no momento histórico em questão. Assim, o passado é sempre captado no presente não existindo por si, e não pode ser captado por ele mesmo. (TROUILLOT, 2016, p. 39–43). Assim sendo, aquelas fontes que guardariam “verdades históricas” podem ser elas mesmas contestadas. Neste ponto é que o cânone pode ser questionado, visto que a maneira como documentos e textos são armazenados e utilizados tem impactos sobre a construção de narrativas sobre o passado. Daqui pode-se emergir a discussão quanto a necessidade de se trazer a luz perspectivas históricas que foram invisibilizadas durante a historiografia das ciências. Não se trata, portanto, de uma discussão sobre a construção de narrativas históricas que levem em conta as minorias sociais silenciadas. Mas, ao contrário, busca-se questionar as “verdades históricas” narradas com base no cânone estabelecido, buscando encontrar e demonstrar como os silenciados fizeram diferença na história do conhecimento. Neste sentido, cria-se um movimento de Vocalização dos autores, permitindo que seus pensamento e contribuições sejam apresentados e postos em movimento dentro da academia.

Para melhor compreender esta outra forma de observação do passado é interessante estudar o trabalho desenvolvido por Mariza Corrêa. Esta antropóloga também desenvolveu parte de suas pesquisas no sentido de estudar a história da antropologia, focada principalmente no contexto brasileiro. Sua obra adquiriu uma grande importância à medida que também pretendia ajudar no esforço de expandir o cânone da antropologia. Entretanto, ela não observou o passado em busca de personagens femininas apagadas no intuito de apresentá-las como impactantes. Assim como também não buscou apresentar diversos textos de autoras pouco conhecidas, no intuito de apresentá-las como antepassadas de correntes no presente. Ao contrário, Mariza Corrêa busca compreender a presença das autoras em seus contextos, em seguida ela passa a questionar quais foram os critérios adotados para a construção da história da antropologia. Não é que a antropóloga negue a importância dessas autoras, mas ao contrário, ela observa que os critérios usados pela disciplina impediam a possibilidade de observar o pertencimento dessas autoras no fazer antropológico.

Uma demonstração desta forma de desenvolver pesquisa se dá já na introdução de seu livro *Antropólogas & Antropologia* (CORREA, 2003). Já neste primeiro momento a autora informa que buscará observar a participação das mulheres no desenvolvimento da antropologia nacional. Assim, ela passa a questionar como as mulheres foram silenciadas nos primeiros anos da disciplina. Ela

apresenta como a maior parte das personagens femininas desse período eram frequentemente reduzidas as esposas dos antropólogos importantes. Neste sentido, seus próprios nomes eram apagados a sombra de seus maridos. Isto conformava uma espécie de expectativa sobre todas as personagens femininas. Mesmo as mulheres que não se enquadravam nesta expectativa eram frequentemente desconsideradas ou mesmo perseguidas simbolicamente. Ou seja, muito embora existissem diferenças entre essas mulheres, todas essas eram apagadas não através de suas identidades, mas através de um critério que as relacionavam com homens do período. Assim a autora questiona como o critério da identidade, frequentemente utilizado pela literatura feminista, não daria conta de constituir uma expansão do cânone. Isto porque este critério necessitava encontrar algo que demonstrasse essencialmente o que era ser mulher. No mais, mesmo o critério do renome não poderia ser utilizado para identificar no cânone as personagens femininas da antropologia. Estas tinham seus nomes apagados através da relação com seus maridos. Assim ela apresenta o critério da “afinidade” para observar a presença dessas mulheres no período. Ou seja, ela passa a olhar para essa relação de expectativas esperadas em seus contextos como meio distintivo da presença dessas mulheres na história antropológica nacional.

Na perspectiva de Mariza Corrêa todos esses critérios decorriam diretamente de um contexto da “cultura antropológica” presente nos diversos contextos nacionais. Neste sentido ela comunga de uma perspectiva muito semelhante daquela produzida por Roberto Cardoso de Oliveira. A antropóloga demonstra que os diferentes modos de estudo da presença feminina na antropologia decorriam das formas de pesquisa feitas nas culturas nacionais. No seu texto “O espartilho de minha avó: linhagens femininas na antropologia” (CORRÊA, 1997) a autora faz uma análise das diferentes recapitulações da presença feminina na Inglaterra, Estados Unidos e na França. A autora demonstra que existe um esforço nos dois primeiros países citados em construir linhagens de autoras femininas que edificaram o pensamento feminista. Neste sentido, buscava-se demonstrar a presença de antropólogas dentro do cânone antropológico. O mesmo não acontecia no contexto francês. Neste país, o mais importante era a manutenção de um esquema de “casas”. Este último conceito está ligado a uma proposta de Lévi-Strauss com relação a conformação das propriedades herdadas na idade média. Neste caso, embora as presenças masculinas sejam dominantes, o mais importante era a manutenção do patrimônio da família, mesmo que fosse preciso recorrer a apresentação de mulheres como herdeiras. Se no caso de uma disciplina esse patrimônio é intelectual, na comunidade antropológica francesa não era necessário reconstruir linhagens femininas. Ao contrário estas já estariam em parte referenciadas na existência da “casa” (CORRÊA, 1997, p. 87–88).

Em ambos os textos a apresentação de Mariza Corrêa acaba confluindo na necessidade de modificar os critérios estabelecidos para construir um cânone disciplinar. Como ela mesmo destaca:

Isto é, o movimento do feminismo de abandonar as estratégias narrativas de vitimização, polarização e os essencialismos, em favor de enredos de posicionamento relacional, foi acompanhado pelas narrativas antropológicas influenciadas pelo feminismo – e não só no caso de narrativas produzidas por antropólogas. Assim, talvez o esforço de começarmos a compreender a atuação contextualizada de algumas de nossas ilustres antepassadas nos ajude tanto, ou mais, do que a simples reivindicação de seus textos como exemplos feministas *avant-la-lettre*, na compreensão dos movimentos complexos e sutis de construção de gênero cultural, histórica e politicamente determinados nos quais nós (e não só os povos tradicionalmente pesquisados por nós) estamos envolvidas. (CORRÊA, 1997, p. 23)

Em suma, o que ela defende é que é preciso observar a trajetória de vida destas autoras, a partir de suas ações em seu período. Assim seria possível compreender de forma mais profícua o papel dessas antropólogas dentro de seu contexto e período. A busca por uma expansão do cânone também deve ser um debate sobre os critérios pelos quais esse cânone é estabelecido. Entretanto esses próprios critérios também são conformados de forma social e cultural.

Se recuperarmos a perspectiva teórica de Roberto Cardoso de Oliveira veremos que para estudar o desenvolvimento da sua ciência faz uso da teoria hermenêutica filosófica, desenvolvida pelo filósofo Hans-Georg Gadamer (1900-2002). A tese deste último é de que todo conhecimento é construído a partir de um certo contexto no qual o agente cognoscente está inserido. O intelectual alemão, por sua vez, apoiou-se nos pensamentos desenvolvidos pelo filósofo italiano Giambattista Vico (1668-1744). Vico defende que todo o conhecimento é construído sobre um senso comum compartilhado por determinado povo (PEREIRA FILHO, 2005), introduzindo o debate em uma arena em que a antropologia em grande medida se fundamentaria - a importância do estudo da cultura na reflexão sobre a produção do conhecimento. Daí a importância desta genealogia da reflexividade antropológica sobre sua própria constituição enquanto uma área do saber que toma a cultura como tema de investigação e pressuposto da base do conhecimento. Assim, haveria um conhecimento que é construído por uma comunidade e que a partir de sua tradição moldaria pré-noções que seriam como uma lente para aquele que compreende.

Tendo todas essas noções em mente, podemos entender que a expansão do cânone não é fruto apenas da disposição de ideias dentro de espaços acadêmicos, nem tão somente da velocidade de circulação dessas ideias. É preciso que tais ideias sejam inseridas dentro da tradição desta disciplina. Desta maneira tais ideias devem ajudar a compor a linguagem desta disciplina, modificando assim suas pré-noções. É preciso lembrar que para Hans-Georg Gadamer a tradição, a linguagem disciplinar e a interpretação textual não são objetos estanques no tempo, ou com um

resultado definido. Ao contrário, tais questões estão sempre em contato com o tempo presente. Hermenêutica, neste sentido, é a observação desse processo de compreensão das ideias, observando uma tradição e como ela se relaciona no presente. Assim busca-se através das necessidades presentes, ampliar o horizonte histórico disciplinar. Adicionar, por exemplo, a perspectiva de Rolph Trouillot as apresentações teóricas hermenêuticas de Cardoso de Oliveira ter-se-ia como resultado uma noção mais profunda de como é construída a linguagem disciplinar.

Neste caso, sugere-se que para uma compreensão mais profunda da presença do trabalho de Joseph-Anténor Firmin é necessário amplificar seus pensamentos demonstrando como eles ainda são influentes no presente. É preciso observá-los não apenas como passados alternativos, mas englobá-los dentro da linguagem disciplinar atual. Quando observamos autores como Max Weber (1864-1920), Émile Durkheim (1858-1917), Bronislaw Malinowski (1884-1942) ou Franz Boas (1858-1942) não observamos somente como eles foram influentes em seu período, ou suas trajetórias. Sempre existe um esforço em demonstrar como suas ideias eram influentes na época, como elas impactaram seus descendentes acadêmicos e como até hoje elas são fundamentais para uma série de discussões. Neste sentido, se entendemos que Joseph-Anténor Firmin nos propõem novas formas de ver o método, o positivismo e a antropologia, podemos, a partir do estudo de sua trajetória e teoria, observar outras formas de compreender o processo histórico e o presente.

4) AMPLIFICANDO ANTENOR FIRMIN

Joseph-Anténor Firmin foi primeiramente formado em Direito, sendo que iniciou estudos antropológicos quando se mudou para Paris. Nesta cidade ele foi um dos três primeiros haitianos a ocupar uma cadeira na *Société D'anthropologie de Paris*. Ademais o autor também foi ministro das relações exteriores do Haiti, sendo responsável por resolver uma querela do país com os Estados Unidos da América em relação a concessão de um Porto de águas profundas haitiano (FLUEHR-LOBBAN, 2000, p. 450). De fato, Anténor Firmin foi responsável por uma das mais importantes obras de toda tradição de pensamento da antropologia Haitiana. Entretanto, a importância e a influência deste autor foram silenciadas durante séculos, sendo redescoberta pelo *mainstream* acadêmico somente nos anos 2000, após a tradução de sua mais celebre obra para o inglês por Asselin Charles (FLUEHR-LOBBAN, 2005, p. 1). A obra em questão se denomina “*De L'egalité Des Races Humaines (Anthropologie Positive)*”⁶. O fator pioneiro desta obra está no fato de que seu nome se apresentava como uma clara oposição as ideias presentes na época. Em especial a obra produzida por Conde Arthur de Gobineau (1816-1882) denominada *Essai sur l'inégalité des races*

⁶ A igualdade das raças humanas (Antropologia Positiva)

humaines (1853-55)⁷(FLUEHR-LOBBAN, 2000, p. 449). A obra de Gobineau foi uma das principais bases para o racismo científico francês, sendo, portanto, uma das bases da perpetuação do colonialismo e escravidão nas américas. Já a Obra de Anténor Firmin foi uma das obras mais importantes e influentes do Haiti, tendo em vista que ela se opunha a maior parte do consenso científico presente naquele momento na Europa. Esta obra apresentava os erros metodológicos e científicos dessas obras. É muito provável que este livro não tenha sido o primeiro a questionar a tese das desigualdades das raças. Entretanto, merece um destaque especial, tendo em vista que foi o primeiro a fazer isso utilizando argumentos profundamente científicos, questionando o pensamento europeu em seus próprios termos (SILVA, 2020, p. 98–100).

Ademais, se seguirmos os passos desenvolvidos por Carolyn Fluehr-Lobban podemos notar que o pensamento de Anténor Firmin pode ter tido um profundo impacto no pensamento antropológico moderno. Principalmente quando observamos tradições antropológicas que hoje vem ganhando mais destaque como o panafricanismo. Isto porque, conforme ela aponta o antropólogo haitiano aqui estudado foi uma das principais referências de Jean Price Mars. Este é outro importante pensador haitiano que teve destaque principalmente como sendo o precursor da negritude, sendo reconhecido como um dos autores-pais do panafricanismo, assim como Anténor Firmin. Carolyn Fluehr-Lobban argumenta que a relação entre o pensamento desses dois autores vai além de uma observação de temática. Mas ao contrário, ela argumenta que o pensamento de Price Mars é completamente inspirado na visão de Anténor Firmin, sendo que a insistência desse último autor em imaginar uma humanidade indistinta, teria sido a verdadeira influência por trás das ideias de negritude (FLUEHR-LOBBAN, 2005, p. 7–9).

Esta observação por si já deveria ser suficiente para nos fazer questionar o lugar de Anténor Firmin dentro do Cânone da antropologia, fazendo com que os debates sobre a história da disciplina desloquem as discussões da historiografia para a questão dos silenciamentos. Entretanto Carolyn Fluehr-Lobban dá um passo além, e busca demonstrar como o pensamento do Anténor Firmin pode se desenvolver até impactar, ou ao menos, contribuir para a construção do pensamento estadunidense. O que a autora aponta é para a existência de uma íntima, intensa e profícua relação entre Jean Price Mars e Melville Herskovits (1895-1963). Este último um dos alunos de Franz Boas, personagem já canônico da antropologia. Ocorre que Melville Herskovits sendo fundador dos Estudos Africanos na América e da Afro-antropologia americana revelaria uma grande rede de contato entre o pensamento Haitiano e o pensamento antropológico internacional (FLUEHR-LOBBAN, 2005, p. 14–15). Assim se poderia ver a construção de uma

⁷ Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas

comunidade de influências que deve ser levada em conta, capaz de transformar o cânone da antropologia, como ele vem sendo contado até a atualidade.

Entretanto, algo a mais deve chamar atenção em Antenor Firmin, e em sua obra denominada *De L'egalité Des Races Humaines* (Anthropologie Positive), deve ser mais sua hermenêutica que sua metodologia. Com isso quero dizer que um estudo de sua metodologia, observado pelo prisma de como ele compreendia o papel da tradição positivista, pode ser a chave que falta para entender o impacto de suas ideias no presente.

Como já apresentado anteriormente, é notável como Antenor Firmin se filia ao positivismo para constituir sua defesa contra as defesas racistas e biologizantes de sua época. Assim sendo, pode-se dizer que Antenor Firmin em muito antecipou a posição positivista dentro da antropologia. É Émile Durkheim que frequentemente é citado como sucessor das ideias apresentadas por Auguste Comte dentro das Ciências Sociais, principalmente quando observado sua metodologia de pesquisa. Entretanto, podemos ver que ele não foi de fato o primeiro a fazer isso. O autor haitiano aqui apresentado já havia observado as potencialidades do pensamento positivistas para desafiar o pensamento vigente na época. Neste sentido, ele observa no positivismo uma saída ao reducionismo naturalista, sem ter de fugir para debates de raiz puramente filosóficas ou políticas. Ele poderia questionar os dados craniométricos de Paul Broca (1824-1880), mantendo-se sempre com um grande apego científico.(FLUEHR-LOBBAN, 2000, p. 451, 2005, p. 5–6). Estas observações, além de reforçarem o caráter pioneiro de Antenor Firmin ainda conseguem demonstrar os motivos pelos quais ele expande o cânone antropológico, adiantando para quase 10 anos o uso das ideias positivistas para um caminho muito distinto dos debates sobre a natureza da humanidade e da sociedade.

Entretanto, o que quero apontar aqui é que Antenor Firmin ao utilizar a metodologia positivista para fazer suas discussões, faz algo muito maior do que modificar a posição dos debates antropológicos ou se contrapor ao pensamento da época. O autor também está apresentando uma chave de ação que pode nos ajudar no presente. Ocorre que o antropólogo haitiano deixa claro que seus questionamentos antropológicos foram profundamente motivados por ter entrado na *Société D'anthropologie de Paris*. Isto porque sendo um homem negro, se confrontou com uma ciência europeia que insistia em afirmar que os negros eram inferiores aos brancos. Isto o confrontava de forma profunda porque parecia a ele um contrassenso. Como poderia ser ele inferior se teria sido recepcionado como um igual? (FIRMIN, 1885, p. VIII–IX). Ele apresenta então um profundo descompasso entre a ciência que se dizia ser feita e a ciência que era de fato feita. Era incompatível que o pensamento de Conde Arthur de Gobineau e de Paul Broca fosse tão ciência quanto o

pensamento de Auguste Comte. Neste sentido, de fato estes autores pertenciam, de certa forma a tradições diferentes. Entretanto, ambos reivindicavam um papel científico.

Antenor Firmin ao questionar o pensamento vigente, está jogando o debate para um outro campo, o epistêmico, sem que para isso precise anunciar um debate filosófico. Nesse sentido ele usa as armas europeias, contra o próprio pensamento europeu, possibilitando assim uma alternativa para a mudança no campo científico. Em todo caso, em sua obra, ele não se furta em fazer uma análise minuciosa da perspectiva de seus adversários. Ao contrário ele observa como nem mesmo em seus próprios termos elas se mantem de pé, se contradizendo frequentemente. Ele não se furta de analisar a querela do poligenismo contra o monogenismo, com relação as possibilidades de hibridismo, ou ainda de observar as tabelas craniométricas, apontando suas inconsistências⁸. (FIRMIN, 1885, cap. 4).

Nesta atitude o que Antenor Firmin está nos mostrando é uma alternativa que devemos usar hoje para denunciar os preconceitos presentes na academia. Ocorre que quando o autor haitiano faz esse movimento de estudo profundo dos produtores do racismo científico, ele também nos convida a, no presente, ler aqueles autores que de alguma forma perpetuam essas ideias. Disputar o sentido de ciência é tão importante hoje quanto era no passado. Assim sendo, é necessário utilizar as ideias sobre o papel da ciência e colocá-los a prova contra aquilo que é a ciência praticada. Assim sendo, o esforço de ampliação do cânone vai além de acabar com os silenciamentos. Quero dizer que é preciso mostrar como os autores presentes no cânone ainda mantem dentro de suas trajetórias, ideias e propostas, contradições profundas, decorrentes dos preconceitos de suas épocas. Não se trata, portanto, de deixar de ler este ou aquele autor. Mas ao contrário, lendo-os apresentar os limites de seus pensamentos, as incompatibilidades de suas práticas, e os anacronismos que perpetuam. Frente a isso, deve-se vocalizar novos autores que podem suprir as faltas presentes no cânone atual. Quanto a esses novos autores, que se busca admitir no cânone, é preciso também apontar porque estes devem receber a alcunha de clássicos, demonstrando que suas ideias são atemporais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto no presente trabalho a desmobilização da distinção entre metodologia, ciência, filosofia e história, permite uma discussão mais profunda sobre as categorias que conformam a

⁸ Vale apontar aqui que Antenor Firmin apresentou neste esforço muito mais que um apetite pelo conhecimento. Ao ler as páginas dos autores racistas de sua época, ele acabava por se expor a uma série de ideias que insistiam em rebaixá-lo enquanto homem negro. Aqui pode-se ver a verdadeira grandeza moral que nos contava Jean Price Mars.

constituição da antropologia. Neste sentido, a possibilidade de observar a perspectiva teórica de Roberto Cardoso de Oliveira e o processo analítico desenvolvido por Joseph-Anténor Firmin possibilita desenvolver novos ferramentais para a expansão do cânone disciplinar. Assim sendo, observar como o autor haitiano se contrapôs aquilo que era considerado ciência em sua época, em prol de uma perspectiva combatente do racismo deve servir de inspiração, mas também de metodologia para construção do fazer antropológico atual.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. SAO PAULO - SP: Unesp, 2000.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Sobre o pensamento antropológico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.
- CORREA, Mariza. **Antropólogas & antropologia**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- CORREIA, Mariza. O espartilho de minha avó: linhagens femininas na antropologia. **Horizontes Antropológicos**, [s. l.], v. 3, n. 7, p. 70–96, 1997.
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. Lisboa: Grupo Almedina, 2018.
- FIRMIN, Joseph-Anténor. **De L'egalité Des Races Humaines (Anthropologie Positive)**. Paris: [s. n.], 1885.
- FLUEHR-LOBBAN, Carolyn. Anténor Firmin and Haiti's contribution to anthropology. **Gradhiva**, [s. l.], n. 1, p. 95–108, 2005.
- FLUEHR-LOBBAN, Carolyn. Anténor Firmin: Haitian Pioneer of Anthropology. **American Anthropologist**, [s. l.], v. 102, n. 3, p. 449–466, 2000. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/683404>.
- PEIRANO, Mariza G S. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, [s. l.], v. 20, n. 42, p. 377–391, 2014.
- PEREIRA FILHO, Antonio Jose. **Linguagem e Práxis: Vico e a crítica à concepção cartesiana da linguagem**. 2005. São Paulo, 2005.
- RIBEIRO TROITINHO, Bruna. RAÇA, COLONIALIDADE E PODER DESDE ANTÉNOR FIRMIN. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 281–300, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/1101>.
- RICCEUR, Paul. Expliquer et comprendre. Sur quelques connexions remarquables entre la théorie du texte, la théorie de l'action et la théorie de l'histoire. **Revue Philosophique de Louvain**, [s. l.], v. 75, n. 25, p. 126–147, 1977.
- SILVA, Roberto Jardim da. **JOSEPH ANTÉNOR FIRMIN: CONFLITOS TEÓRICOS E POLÍTICOS ENTRE HAITI E FRANÇA**. 2020. tese - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba, 2020.

STOCKING JR., George W. On the limits of ‘presentism’ and ‘historicism’ in the historiography of the behavioral sciences. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, [s. l.], v. 1, n. 3, p. 211–218, 1965. Disponível em: [https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/1520-6696\(196507\)1:3%3C211::AID-JHBS2300010302%3E3.0.CO;2-W](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/1520-6696(196507)1:3%3C211::AID-JHBS2300010302%3E3.0.CO;2-W).

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado**. 1. ed. Curitiba/PR: huya, 2016.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Declaro, para todos os fins éticos e legais, que grande parte da discussão aqui apresentada é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida pelo autor do presente trabalho, no Programa de Bolsas disponibilizado por uma parceria entre a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Kaléo de Oliveira Tomaz: Conceptualization, Methodology, Writing- Original draft preparation

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

O autor declara que não há conflito de interesses a mencionar.

MINIBIOGRAFIAS DO AUTOR DO PAPER:

Mestrando do Programa de Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Bacharel em Ciências Sociais, com ênfases em Ciência Política e Antropologia, pela mesma Universidade.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.